

VIAGEM AO MUNDO DAS NOTAS NA F.L.U.P. – 1.^a ÉPOCA DE 1996-1997¹

As considerações que se vão seguir não passam de uma tentativa de ensaio sobre uma das facetas do aproveitamento escolar: as classificações obtidas pelos estudantes que, ao longo do percurso curricular, convergem para a determinação de um valor final, a nota de licenciatura, que pretende atestar, por parte da instituição ministrante do curso, o grau de competência relativa alcançada.

No entanto, dizer que as notas afixadas nas pautas ou constantes dos diplomas de curso correspondem a um determinado índice de saber obtido pelos alunos, dentro de um dado quadro (nível do curso no sistema de ensino, tipo de instituição, conteúdo dos programas, etc.), não adianta grande coisa: buscar nas notas um critério inquestionavelmente objectivo para determinar, em termos comparativos, o valor exacto do saber apreendido pelo estudante ou, de outro modo, o grau exacto da competência com que este se apresenta habilitado perante o mundo do trabalho e da inserção social é perseguir um objectivo impossível. As notas «obtidas» pelos alunos são, no fundo, as notas «dadas» pelos professores. A linguagem corrente não deixa de evidenciar, neste uso do verbo «dar», uma das facetas marcantes das classificações: a intervenção do critério do docente, por sua vez marcado, e até movido, por diversíssimos factores, uns mais pessoais, outros mais contextuais.

Apesar disto, as notas não deixam de ser um sinal exterior e marcante do trabalho pedagógico realizado numa escola. Apesar, também, do subjectivismo e do relativismo que comportem, como qualquer juízo formulado por

¹ Ensaio apresentado ao «II Encontro de Questões Pedagógicas» realizado pelo Conselho Pedagógico da FLUP em 21 de Outubro de 1998.

alguém, as notas não podem deixar de significar alguma coisa, incluindo a qualidade do trabalho produzido por professores e estudantes. Para além disto, revestem-se de um aspecto fundamental: é que designando quantidades, oferecem-se como sinais susceptíveis de uma abordagem mais rigorosa e operacional.

Por isso, sem perder a noção de que o valor global de um ensino, sobretudo o universitário, onde tantas variáveis intervêm, desde a formação dos docentes, suas tendências e atitudes face ao saber e à investigação, até às circunstâncias concretas da prática pedagógica e da avaliação de conhecimentos, não é de fácil caracterização, irei tentar fazer uma viagem ao mundo das notas «dadas» nesta Faculdade na primeira época do ano lectivo de 1996-1997, em todos os cursos de licenciatura. Ficam de fora, por conseguinte, os mestrados e outros cursos de pós-graduação, fundamentalmente porque as próprias classificações finais não são do mesmo tipo das da licenciatura.

Mas antes de avançar impõem-se algumas explicações sobre o material utilizado. Os dados de que me sirvo na primeira parte foram fornecidos pelos Serviços Académicos da Faculdade, em forma de listagens respeitantes aos cursos e suas variantes. O programa informático fornece as classificações por época de avaliação, calcula os totais relativos às aprovações, reprovações, provas sem resultado e respectivas percentagens, mas não permite, a não ser com laborioso trabalho externo, obter os totais (isto é, o conjunto das três épocas de avaliação anual) das parcelas relativas às notas por disciplina de cada curso ².

Esta é a razão fundamental por que o trabalho que ensaiei se confina aos resultados da chamada época normal, que abrange a avaliação periódica e contínua e ainda os exames de Junho-Julho. Penso, no entanto, que este aspecto se reveste de algum interesse: tratando-se das notas saídas logo a seguir à avaliação contínua, ao segundo teste de avaliação periódica e aos exames de Junho-Julho, esses dados marcam, de forma nítida, uma fase do ano lectivo bastante unitária. Para contar os resultados de Setembro e hipo-

² O programa informático utilizado na Secretaria, criado pela Universidade para gerir os resultados finais dos alunos, pode fornecer indicações quantitativas e percentuais, fundamentalmente na perspectiva da produção de certidões e outros documentos, a par de análises estatísticas sobre resultados finais. As disciplinas têm um código próprio para cada ocorrência dentro de cada curso e de cada variante; assim uma mesma disciplina pode ter diversos códigos, não sendo identificada por o mesmo código nas diversas licenciaturas e variantes a que pertença.

teticamente os de Dezembro, seria preciso levar a cabo um trabalho muito mais moroso de articulação dos dados. Haverá, portanto, que compreender que não vou focar a totalidade das notas do ano lectivo de 1996-97, mas somente as da época normal. Não devemos, todavia, esquecer que em Setembro se fazem muitos exames, cujos resultados são também determinantes para uma visão de conjunto. Anote-se todavia que mais de metade do total das provas (ou seja, o conjunto das «inscrições») foi realizada na 1.ª época em causa³.

Começemos por atentar no Quadro Geral (Resultados+Percentagens) (Q.1)⁴, que fornece uma visão de conjunto sobre todas as licenciaturas em funcionamento, evidenciando, através dos valores percentuais, a relatividade dos números face aos quantitativos das inscrições (não dos alunos inscritos, note-se) em cada uma delas⁵.

O quadro mostra uma distribuição que é muito significativa: pondo de parte as provas não realizadas (FAL) e os resultados negativos (REP)⁶, e isolando o conjunto dos três valores mais elevados de notas em cada curso, é nítido que duas licenciaturas concentram esses seus totais de modo particular nas linhas da parte superior do quadro, respeitantes ao 10-11-12: LLM e GEO. EEU deixa transparecer alguma irregularidade, provavelmente por se tratar de uma licenciatura construída com disciplinas dos diversos outros cursos.

³ Os dados recolhidos indicam que a maioria das provas de avaliação, correspondentes às inscrições, tem lugar na 1.ª época: num total de 21.733, só 6.446 não foram prestadas (= FAL), ou seja 29,65%, e 2.825 traduziram-se em resultados negativos (= REP), isto é 12,99%. A soma destas duas parcelas equivale a 42,65%; portanto, 57,35% do aproveitamento anual é obtido na 1.ª época. Convém ainda registar que os elementos fornecidos pela Secretaria incluem situações de «Sem resultado» e de «Desistiu», que foram subsumidas em FAL para o objectivo desta análise.

⁴ Os valores utilizados neste trabalho foram tratados numa base de dados com 763 entradas, correspondentes às ocorrências das disciplinas nos cursos e suas variantes.

⁵ Os dados que se utilizam aqui levam em consideração os quatro anos das licenciaturas; fica de fora o 5.º ano do estágio. Para um análise mais fina, deveriam subtrair-se os elementos relativos às disciplinas do Ramo Educacional do 3.º e do 4.º anos de HIS, FIL, LLM e GEO, já que a perspectiva deste trabalho são as notas «dadas» pelos docentes de cada licenciatura. No entanto, como se pode observar pelo Quadro 20-E, tal subtração só muito residualmente afectaria as projecções gráficas e, conseqüentemente, a interpretação aqui feita.

⁶ Esclareço que os termos finais das disciplinas não discriminam as notas inferiores a 10.

Não é o que sucede no caso das três outras licenciaturas: HIS, FIL e SOC. Aqui os três valores mais elevados começam na linha do 12 e ocupam a área do 14, significativamente duas linhas mais abaixo no quadro, portanto, na zona do suficiente alto / bom.

Deste modo, podemos desde já assinalar o seguinte panorama:

1 — dois cursos de dimensões evidentemente distintas do ponto de vista do montante de inscrições, como são LLM e GEO, apresentam valores percentuais bastante parecidos, o que indicia um comportamento classificativo também idêntico;

2 — dois cursos com um número de inscrições relativamente aproximado, como é o caso de HIS e de GEO, revelam atitudes claramente diferentes sob esse ponto de vista;

3 — FIL e SOC, com inscrições em número quase igual, aproximam-se bastante quanto ao comportamento das notas;

4 — por seu turno, HIS e FIL, bastante diferenciadas em termos quantitativos (um é o dobro do outro), mostram-se praticamente coincidentes nos valores relativos às classificações.

Antes de prosseguir, observemos de modo particular o somatório global respeitante aos resultados inferiores a 10, designados por REP, ou seja às notas negativas nas provas de avaliação periódica e contínua e ainda nos exames de Junho, calculando as percentagens uma vez subtraídas as «faltas» às «inscrições» (Q.1).

As percentagens mais altas de REP encontram-se em LLM, com 23%, EEU, com 18.1%, e em GEO, com 15.9%. Abaixo destas marcas vemos HIS e SOC, bastante vizinhas, respectivamente com 10.9% e 11.5%. Mas ainda mais abaixo temos FIL, numa marca nitidamente inferior, com 5.8%, o que se relaciona com o facto de ser para este curso que os dados da Secretaria registam um valor zero de reprovações no 4.º ano da 1.ª época em causa (Q.7).

Mais uma anotação, relativa à quantidade de provas não realizadas na 1.ª época (FAL). Vale a pena observar como, nos cursos em que se manifesta uma tendência maior para notas globalmente mais elevadas, se detecta também uma maior tendência para prestar menos provas na 1.ª época: as «faltas» foram 31,3% em HIS, 38,6% em FIL, 40,7% em SOC (o nível mais alto), mas 28,9% em LLM, 28,8% em EEU e 20,2% em GEO (o nível mais baixo). Que significado deveremos atribuir ao facto de quanto mais baixa é a média classificativa mais baixa é também a ausência às provas na 1.ª época? Observe-se, a propósito, que no 1.º ano de HIS, FIL e SOC

(Q.4, Q.7, Q.18) as percentagens de «faltas» a estas provas assumem níveis elevados, indiciando que esses alunos utilizam bastante a época de Setembro. Em todos os cursos, porém, a situação melhora no 4.º ano, o que é compreensível, por se tratar do ano de saída, com a necessidade de os estudantes estarem em condições de se candidatarem a concursos antes da época de recurso.

Com este cenário se relaciona, provavelmente, o panorama nas disciplinas do «Ramo Educacional» (Q.20), no 3.º e no 4.º anos. Na generalidade, verifica-se uma quebra acentuada nas «faltas» e nos resultados negativos do 3.º para o 4.º ano, o que indicia a preocupação dos alunos por estas disciplinas, a que parecem atribuir importância para a sua carreira profissional depois da licenciatura⁷. Quanto às notas, vê-se que, enquanto no 3.º ano predominam as notas da faixa 10-12, no 4.º ano há uma extensão para o 14. Quanto às classificações no 5.º ano, que incluem o estágio pedagógico (Q.20), as notas aglomeram-se na sequência 13-15, o que parece revelar um bom resultado geral dos alunos da Faculdade no desempenho pedagógico; quanto às «faltas» e «reprovações» nesse ano, caem para valores residuais⁸.

Posto isto, podemos passar à observação dos gráficos e procurar um comentário interpretativo.

O G.1, construído sobre as percentagens do Q.1, dá-nos uma visão de conjunto, que merece ser pormenorizada com o auxílio dos gráficos seguintes, mais particularizantes.

Quanto ao G.2, aponta-nos os níveis relativos às médias das classificações obtidas nas provas da 1.ª época (12,93); aí se destacam duas posições: uma mais baixa de LLM, outra mais alta de SOC. Anote-se aqui a similitude de HIS e FIL.

Interessantes são os gráficos relativos a cada curso individualmente considerado. Prescindindo das variantes existentes em HIS⁹, em LLM¹⁰ e

⁷ O chamado «Ramo Educacional» das licenciaturas da FLUP (excepto Sociologia e Estudos Europeus) está envolvido numa rede complicada de problemas, mas corresponde, nos dois últimos anos curriculares, à quase totalidade dos estudantes neles inscritos. Cf. CORREIA, Luís Grosso — *O Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras: Breve retrato estatístico*, «Boletim da Universidade do Porto», n.º 31, ano VII, 1997, p. 28s.

⁸ Cf. Quadro 20-20 D.

⁹ Cf. Quadros 4, 5 e 6.

¹⁰ Cf. Quadros 9-16.

em EEU, comecemos pelos que visualizam os quantitativos das diversas notas em valores brutos.

De novo se patenteia a arrumação dos cursos em dois grupos: de um lado temos HIS, FIL e SOC; do outro LLM, GEO e EEU. As linhas respeitantes ao primeiro grupo oferecem uma mesma base: concentração dos totais mais elevados na faixa 12-14. Sobressai de algum modo FIL (G.5), com o pico no 13, descendo depois gradualmente até ao 18. Registe-se, no entanto, que FIL e SOC (G.8) comportam uma descida do 10 para o 11, o que não acontece em HIS (G.4).

No segundo conjunto o panorama é totalmente diferente: LLM (G.6) manifesta uma visível regularidade, em linha descendente a partir do 10, estirando-se até ao 20, ou seja, percorrendo toda a escala classificativa. Com expressão similar está GEO (G.7), embora com uma curva que prolonga os valores mais elevados no 11-13; EEU (G.9), só com dois anos de funcionamento, aproxima-se de LLM até ao 13, mas depois revela alguma tendência para uma irregularidade que pode ou não vir a ser mantida no futuro.

Estes gráficos, projectando o comportamento global dos cursos, sem o pormenor da distribuição das notas pelos diversos anos, não permitem, porém, trazer à superfície uma realidade bastante mais complexa. Os gráficos seguintes, construídos com as percentagens das notas em cada ano de cada licenciatura, calculadas com base nas provas efectivamente realizadas, isto é, descontadas as «faltas», revelarão outras facetas não menos importantes e significativas.

Comecemos por HIS, com G.10 (cf. Q.4): é notória a tendência para as notas da faixa 12-13-14 no 1.º ano, bastante acima do 10 e do 11; no 4.º ano estas duas notas mantêm quase os mesmos valores, enquanto o 10 mostra um pico no 3.º ano. O que ressalta neste caso é o facto de, no 1.º ano, as notas da faixa 12-14 registarem uma tendência para se evidenciarem, com alguma descida do 12 e do 14 no 3.º ano, seguida pela retoma do 13 e do 14 no 4.º ano. Poderíamos interrogar-nos sobre qual o significado desta situação: será que, neste curso, a passagem do ensino secundário para o universitário se processa com um impacto menor do que nas outras licenciaturas, onde as notas acima do 13 tendem a impor-se gradualmente, à medida que os alunos progredem nos anos? Veja-se como a nota 10 sobe no 3.º ano para uma quantidade igual à do 1.º ano, mas percentualmente

com um peso bastante maior (Q.4: ao total 75 correspondem 9,98% no 1.º ano e 14,82% no 3.º ano)¹¹.

Esta paisagem muda em FIL, como mostra G.11 (cf. Q.7): as notas 13 e 14 dominam claramente no 3.º e 4.º ano, ou seja, no final do curso. Mas o 10 sobe nestes anos. A curva da distribuição das classificações ao longo dos anos nesta licenciatura é bastante regular: tendência para as notas de 13-15 no 3.º e 4.º ano, o que pode significar uma determinada orientação pedagógica, que privilegia a subida gradual dessa faixa classificativa na parte final do curso.

O G.12, que visualiza os dados do Q.8 respeitantes a LLM, traz-nos um outro tipo de estratégia distributiva nas notas. Nas diversas variantes desta licenciatura (só EFA é menos regular nesta distribuição¹²) podemos anotar como as notas 10 e 11 se afirmam no 1.º ano, o 12 e o 13 no 2.º ano e a sequência 14-16 no 4.º ano. Parece claro que há uma progressão ao longo dos diversos anos, tendência que já anotei atrás para FIL, se bem que noutra quadro distributivo. Note-se como, a partir do 13, a distribuição se desenha sempre em subida regular.

Mas não posso deixar de apontar aqui um outro pormenor. Se olharmos para a coluna referente aos resultados negativos, marcada como REP («reprovações»), é notória a distinção de LLM face a todos os outros cursos: ao contrário destes, que oferecem uma linha algo irregular quanto a notas abaixo do 10 nos diversos anos, geralmente com um pico no 3.º, LLM mostra uma descida em cascata, do 1.º para o 4.º ano, perfeitamente regular.

Isto merece menção particular, pois deve ser visto como sintoma do comportamento dos estudantes na 1.ª época de avaliação de cada ano do seu

¹¹ As notas mínimas de acesso em 1996-1997 foram as seguintes:

HIS: 14,59	LLM:	GEO: 13,73
HIS: ARQ: 14,15	EFA: 9,06	SOC: 13,95
HIS: ART: 13,51	EFI: 14,18	FIL: 15,08
Geral: 14,08	EIA: 14,3	
EEU:	EPA: 12,85	(Geral: 12,66)
EEU-EFA: 10,72	EPE: 9,33	
EEU-EFI: 13,3	EPO: 12,46	
EEU-EIA: 13,98	EPF: 13,97	
Geral: 12,66	Geral: 12,43	

¹² Cf. Quadro 9.

curso. Efectivamente, e conforme os gráficos G.12-21 ajudam a ver, em todas as licenciaturas a 1.^a época parece causar certo impacto no aproveitamento dos estudantes do 1.^o ano, o que nada terá de anormal. Os valores para as «faltas» (FAL) e para os resultados negativos (REP) são em todos os casos mais altos nesse ano, enquanto no último descem nitidamente. Significará isto, certamente, alguma tendência para os estudantes utilizarem, no início do curso, a época de recurso em Setembro na perspectiva de terem mais êxito nesses exames.

Já agora registre-se que as reprovações em HIS (G.10) descem, como nos restantes cursos, no 4.^o ano; têm uma subida também no 3.^o, mas a sequência 1.^o-2.^o-3.^o anos mostra valores quase iguais nesta época. O 1.^o ano mal se distingue dos dois seguintes, o que individualiza este curso com uma dada irregularidade distributiva, sobretudo se tivermos presente que é também nele que existe uma percentagem elevada de notas da faixa 12-14 no 1.^o ano e que o 10 se faz notar no 3.^o ano.

O caso de GEO (cf. Q.17) aparece em G.13; revela algumas similitudes com LLM, de que se aproxima por exemplo pelo facto de, a partir do 12, as notas superiores se imporem no 2.^o e 3.^o ano; a faixa 14-16 torna-se dominante no 4.^o ano. Mas o 10 e o 11 afirmam-se inquestionavelmente no 1.^o e 2.^o anos. No entanto, também aqui se detecta uma progressão para as notas mais altas à medida que os estudantes avançam no seu curso, com o 15-18 a marcar o 4.^o ano.

Os dados de SOC (cf. Q.18) visualizam-se em G.14. No que diz respeito aos resultados negativos nos três primeiros anos, SOC avizinha-se de FIL; quanto às notas positivas, é fácil ver como, após o forte predomínio do 10 no 1.^o ano, no ano seguinte a sequência 13-14-15 regista valores elevados e a faixa 15-17 se torna predominante no 4.^o ano. Mas note-se o pico do 18 no 2.^o ano. De qualquer forma, o grupo 12-13-14 representa a classificação principal no 3.^o ano, o que manifesta uma progressão de certo modo regular neste curso na 1.^a época de avaliação. Uma nota mais: SOC e LLM são os cursos onde os reprovações no 1.^o ano sobem acima de todos os outros valores.

O caso de EEU (G.15) (cf. Q.19) é ainda pouco significativo, visto que só tinha dois anos de funcionamento na 1.^a época de 1996-97, se bem que o 1.^o ano nos apareça caracterizado pelo 10-11. O 2.^o ano trouxe uma subida do 12 e do 13, mas o 16-18 tinham já sido dominantes no primeiro. Note-se, porém, que nos resultados negativos há analogia com os dois primeiros anos de LLM.

Creio mais uma vez que uma conclusão se pode desde já esboçar: três cursos se destacavam claramente pelo seu comportamento mais definido quanto à estratégia classificativa na 1.ª época: FIL, LLM e, em parte, GEO, embora as curvas desenhadas sejam completamente distintas entre si, traduzindo, conseqüentemente, atitudes distintas no domínio do comportamento pedagógico. Na verdade, nestes dois casos é muito mais evidente que as notas 13-14 subiam gradualmente do 1.º para o 4.º ano (em LLM a regularidade era ainda maior: logo a partir do 12), coisa que em HIS só se podia ver no 17 entre o 1.º e o 3.º ano. Aliás, tudo indica que é neste curso que as notas do suficiente alto / bom menos se afirmam gradualmente à medida que os estudantes progredem nos anos. Por sua vez, LLM e GEO mostram com clareza de que modo os seus alunos progredem ao longo dos anos, já que fazem diminuir regularmente as notas 10-11, pelo menos no caso da 1.ª época de 1996-97.

Conforme anotei logo no início, as notas são «dadas» pelos docentes. Não significa isto que sejam arbitrárias, mas unicamente que os responsáveis legais por elas são de facto os docentes. Poderá dizer-se que elas dependem em alguma medida do critério de cada docente ou então do ambiente de cada curso. Não me atreverei a impugnar totalmente esta observação.

Os docentes agem num quadro estabelecido, onde intervêm diversos factores de relevo. Entre eles, e sobretudo entre os susceptíveis de uma abordagem de tipo estatístico, estão aqueles que se relacionam com o serviço docente e com a distribuição dos alunos pelas disciplinas e pelos docentes, ou seja, a relação actualmente designada por rácio, com base na qual se equacionam assuntos tão importantes como os orçamentos e os quadros.

Posto isto, vou tentar relacionar os dados apresentados atrás com outros retirados de uma diferente fonte de informação: a distribuição do serviço docente para o ano lectivo em causa, 1996-1997, incluindo nela a carga horária e o número de alunos por docente. Para tal socorri-me dos mapas dos horários afixados no início desse ano, no pressuposto de que se podem considerar razoavelmente eloquentes e fidedignos nesta matéria.

Volto a sublinhar que me restrinjo unicamente às disciplinas das licenciaturas, deixando de lado os cursos de pós-graduação ou outras situações que não surgem nos referidos mapas. Por outro lado, anoto que nem todos os casos registados nos horários afixados se podem considerar de igual modo exactos tradutores da realidade efectivamente praticada em tempo de aulas. Não constitui com certeza novidade alguma que, após o início das aulas, surgem diversas situações caracterizadas por um diminuto número de ins-

crições em turmas ou mesmo em disciplinas, o que, em aliança com o facto de a assistência às aulas nunca corresponder à totalidade dos estudantes inscritos, se traduz, na prática, pelo encerramento de turmas ou mesmo pelo desaparecimento das horas de aula previstas para uma disciplina. Ainda que periféricos estes casos, a verdade é que perturbam as abordagens fundadas unicamente naquilo que consta das informações documentadas.

Uma última observação: ao passo que nas linhas precedentes me apoiei nos registos de resultados em provas de avaliação da 1.^a época, contabilizando inscrições por disciplina independentemente do número de alunos, agora vou-me servir de três tipos de quantidades: número de alunos por disciplina (sabendo que a cada um correspondem, em regra, cinco inscrições por ano), número de docentes por curso e por disciplina e número de horas de aula por docente nas disciplinas previstas no horário (Q.21-24).

Não oferece dificuldade anotar o destaque de LLM em quase todos os quadros: só no relativo à média de alunos / docente é que GEO está ligeiramente acima (Q.24). Nos restantes casos encontramos diversidade de situações: dois cursos de dimensões aproximadas em número de alunos como FIL e SOC divergem em sentidos opostos no caso da rácio «aluno / docente», aspecto em que FIL se irmana com HIS, e quanto à média «inscrições / curso». Da mesma forma, se entre GEO e SOC há quase igualdade quanto ao número de disciplinas ministradas, já nos restantes aspectos as diferenças tornam-se evidentes (Q.24).

Significa isto que existe uma razoável diversidade no interior da Faculdade, gerada por diversos factores como é óbvio. Mas o que importa aqui é focar aquelas situações suficientemente relevantes por exercerem alguma influência no panorama geral das notas.

Nesta perspectiva podemos atentar numa distribuição dos cursos, no que diz respeito à rácio aluno / docente (Q.24): HIS e FIL coincidem de forma nítida num grupo com uma relação claramente mais favorável, assim como LLM e GEO num outro, desta vez menos favorável; num plano de certo modo intermédio fica SOC. Mas devemos ainda focar algo mais: HIS, sendo embora o curso que ocupa o 2.^o lugar em número de alunos, é manifestamente aquele onde essa rácio é mais favorável no conjunto geral: 73,67, a longa distância do curso mais parecido em número de alunos, GEO, que apresenta a rácio mais elevada de aluno / docente: 109,22.

Ora, se olharmos para o quadro da carga horária por docente, na licenciatura, de novo se destaca a mesma situação: HIS e SOC são os cursos

onde os docentes tinham uma menor carga horária semanal na licenciatura, com 5,35 e 5,29 horas semanais, enquanto em GEO havia 8,31 horas, a seguir a LLM, mais uma vez com o valor mais alto: 8,39. No meio ficava FIL: 6,11 (Q.23) ¹³.

Há inquestionavelmente aqui uma geografia que não pode deixar de fixar a nossa atenção e a nossa reflexão nesta viagem ao mundo das notas (em 1996-97 — época normal).

Na verdade, vai-se tornando patente a posição dos cursos onde as notas (pelo menos as da 1.ª época) traduzem o que se poderia dizer um critério mais apertado, face aos outros onde se diria mais largo. Esse agrupamento encontra correspondência no panorama revelado pela vertente respeitante ao serviço docente: carga horária e rácio aluno / docente.

Assim, os cursos com uma tendência para uma maior quantidade de notas na faixa 10-12, nomeadamente nos primeiros anos, são aqueles onde os valores referentes ao trabalho dos docentes nos surgem mais onerosos; o inverso dá-se nos outros casos, ou seja naqueles que tendem a privilegiar as classificações na zona do 13-14, isto é na zona alta do suficiente e no terreno do bom.

Idêntica paisagem se patenteia nos quadros relativos à dimensão das turmas por disciplina (tanto quanto é possível inferir dos mapas dos horários, repito) e à dimensão das turmas por docente. Aqui de novo se sobrepõe a situação de LLM e de GEO, claramente distinta da de HIS e FIL. No entanto, LLM oferece o valor mais elevado em turmas de pequenas dimensões, provavelmente por causa das disciplinas de Tradução, fatalmente com poucos alunos.

·Como interpretar esta teia de relações, tendo em vista a viagem ao mundo das notas de 1996-97?

¹³ Os quadros apresentados foram elaborados sobre os mapas dos horários afixados no início do ano lectivo, com a distribuição de serviço docente que o Conselho Científico havia previamente aprovado. Consequentemente, devem ser tidos como fundamentos fiáveis em si mesmos, o que não impede que haja discrepâncias na prática, geradas por modificações de diverso tipo posteriormente introduzidas, nem sempre registadas neles e nem sempre controladas pelos órgãos de gestão. Por outro lado, os números relativos aos quantitativos de alunos têm como fonte os dados disponibilizados pela Secretaria; chamo a atenção para o facto de estes não se apresentarem coincidentes com os totais de inscrições respeitantes às provas da 1.ª época, já que a situação curricular dos alunos é muito variada quanto ao número de disciplinas em que se inscrevem cada ano.

Em primeiro lugar evitemos cair nas leituras fáceis, como por exemplo: há cursos mais difíceis, porque incidem sobre matérias e saberes mais difíceis; há cursos cujos docentes são mais exigentes por estratégia assumida; há cursos cujos estudantes são dotados de um mais elevado QI ou sabem mais ou são mais dotados para as matérias desses cursos; há cursos cujos docentes são mais competentes, científica e pedagogicamente, ou porque sabem mais ou porque são mais inspirados na actuação pedagógica. Seguir por esta via é entrar em apreciações subjectivas.

Prefiro sugerir o seguinte: há cursos onde a relação aluno/professor e as condições de trabalho dos docentes parecem favorecer uma tendência para a atribuição de classificações mais elevadas, o que nos poderá levar à seguinte conclusão: para se alcançar o panorama mais excelente observável nesses cursos seria absolutamente necessário reforçar o corpo docente dos cursos onde as notas se situam entre limites mais estreitos. Desse modo, tanto a quantidade de alunos por docente como as horas de aula atribuídas aos docentes permitiriam instituir as condições concretas para que, alegadamente, as qualificações se pudessem distribuir nestes cursos como naqueles outros onde são mais elevadas e onde as reprovações são proporcionalmente menos significativas!

Até aqui trabalhei sobretudo com dados mais relacionados com o corpo docente (as notas «dadas» pelos professores aos estudantes, o número de disciplinas leccionadas por eles, o número de alunos e a carga horária atribuída a cada um) do que com parâmetros mais ligados aos alunos. Para tentar focar esta faceta da questão, vou servir-me de alguns elementos oriundos da utilização de um serviço fundamental numa Faculdade de Letras: a Biblioteca Central.

É suposto que a Biblioteca seja um lugar de frequência do estudante universitário e de modo mais particular do estudante de uma Faculdade de Letras, onde o livro, nas suas diversas formas, deve constituir um instrumento de trabalho de alto relevo.

Vou socorrer-me dos dados fornecidos pela Biblioteca quanto à leitura domiciliária, relativamente à qual os registos são mais eloquentes sobre a distribuição dos utentes segundo a sua tipologia. No presente caso, interessa observar o comportamento dos estudantes segundo os cursos a que pertencem. Os dados reportam-se a 1997-98 ¹⁴.

¹⁴ Os dados reportam-se à data de 16-7-98.

É preciso levar em consideração que o universo de leitores da Biblioteca abrange uma tipologia variada, segundo a condição de cada um. Os valores aqui utilizados dizem respeito unicamente aos alunos de licenciatura, que constituem, aliás, o sector mais volumoso: 3966, ou seja 77,29% dos utentes, tomando como base o universo dos possuidores do cartão de leitor: 4836. Quer isto dizer que o conjunto de detentores do cartão de leitor representa um universo naturalmente superior, se bem que não muito, ao do número de alunos da Faculdade. Desse universo os estudantes ocupam a parte mais significativa e no seu interior a maior fatia pertence ao curso já de si também mais volumoso: LLM.

O quadro Q.25 mostra-nos, na coluna da direita, de que modo os alunos interessados na leitura domiciliária se servem desse serviço: é em HIS e em SOC que nos deparamos com mais de uma leitura por utilizador; a seguir vem LLM, com um muito ligeiro desvio para menos de uma leitura por cartão; com um desvio bem mais acentuado para menos surge FIL e GEO.

Poderia pensar-se que os índices de requisição de livros para leitura domiciliária estivessem directamente relacionados com a distribuição das notas pelos cursos. Mas tal não é legítimo concluir, dado que sendo FIL um curso com classificações agrupadas mais na faixa do 13-15, com acento nos dois últimos anos, parece ser também o curso cujos estudantes menos vezes requisitam livros da Biblioteca para consulta em casa. A não ser que se conclua exactamente pela inversa: tanto melhores notas quanto menos leituras domiciliárias, o que é, *obviamente*, um contra-senso. No entanto, isto serve para mostrar como é impossível reduzir a distribuição das notas à explicação a partir de um único factor, por mais palpável que ele seja.

É claro que para estabelecer uma correspondência entre níveis de leitura e notas seria preciso analisar muitos outros aspectos, alguns dos quais de praticamente impossível estatística, como a bibliografia mais utilizada ou consultada (obras de referência ou genéricas como as enciclopédias, obras de simples divulgação, obras mais especializadas, artigos de revistas); ou então qual o índice de aquisição de livros de estudo por parte dos estudantes (sendo certo que o aluno de «Letras» é, genericamente, de posses modestas); quantas horas são dispensadas à leitura presencial na Biblioteca; ou então qual a percentagem dos utilizadores da leitura domiciliária que vivem fora da cidade, não podendo servir-se do horário de

funcionamento da Biblioteca para além de certa hora. Ou ainda a incidência dos Institutos no tempo de leitura e de consulta dos estudantes na Faculdade ¹⁵.

Conforme os dados de que me servi evidenciam, há diferentes comportamentos dentro desta Faculdade (como certamente no interior de todas as outras) no relativo aos critérios de atribuição das notas aos alunos. Há cursos onde esses critérios se concentram mais na zona do bom; há outros cursos onde eles se refugiam mais na zona do suficiente. Em termos gerais, verifica-se que a nota média atribuída nas provas realizadas pelos estudantes desta Faculdade na época normal se situa no nível do suficiente elevado: 12,93 (G.2).

Mas poderemos interrogar-nos também sobre se estaremos diante de uma situação conjuntural, restrita à 1.ª época de 1996-97 aqui considerada, ou se se tratará de uma situação instalada e com tradições enraizadas. Sem perder de vista que falta a esta análise o impacto dos exames de Setembro (notar, por exemplo, em SOC, uma alta percentagem de «faltas» a esta época no 1.º, 2.º e 3.º ano — Q.18), que afecta certamente o aproveitamento final nas disciplinas, se bem que, em termos pedagógicos, não tenha o mesmo significado, creio que a segunda hipótese é a mais verdadeira. De facto, no ano passado procedi a uma análise sobre 1995-1996 absolutamente similar a esta, podendo verificar que, à parte ligeiríssimas discordâncias, o panorama era inquestionavelmente idêntico.

Muitas questões se poderiam convocar para uma reflexão suscitada por análises deste género, levadas a cabo de forma mais exaustiva e tecnicamente mais apurada. Uma delas consistiria, com certeza, em avaliar o efeito produzido pelos comportamentos classificativos aqui esboçados sobre o tempo de conclusão da licenciatura por parte dos estudantes. Num estudo pormenorizado feito em 1994, a Doutora Rosa Fernanda Moreira da Silva ¹⁶, verificava que HIS e LLM (em especial LLM) eram os cursos onde, em 1990-1991, existiam mais alunos cuja primeira inscrição na Faculdade remontava à década de 1970. E anotava tratar-se de «prolongamento exa-

¹⁵ Ou ainda a língua dos estudos consultados: na Base BIBLIO, o português, o francês e o inglês são as línguas mais representadas: 29,48%, 28,30%, 20,64%.

¹⁶ SILVA, Rosa Fernanda M. — *Faculdade de Letras do Porto (1980/1994). Seu enquadramento nacional e regional*, Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994, p. 18-19.

gerado da escolaridade e consequente permanência no quadro discente da FLUP». Ora estas duas licenciaturas posicionam-se em campos opostos no que diz respeito às notas dadas em 1995-96 e 1996-97 (1.^a época). Talvez não sejam tanto as médias das classificações a determinar alongamentos deste género, quanto outros factores externos relacionados com situações individuais, como por exemplo a entrada no mundo do trabalho durante o curso e as consequências decorrentes disso, impeditivas muitas vezes da disponibilidade para o estudo.

Dizendo de outro modo, não me parece seguro atribuir às médias um significado convincente sobre a dificuldade dos cursos. Do mesmo modo, não creio que das diferenças entre elas deva deduzir-se uma correlativa diferença de preparação científica final dos licenciados.

Onde buscar as respostas para isto tudo? Atrevo-me a apontar para a intervenção de alguns factores externos, que podem actuar sobre os critérios classificativos dos docentes, onde interagem factores diversos, uns mais concretizáveis, outros mais do foro da psicologia colectiva.

Se olharmos para o que é a distribuição geográfica da colocação dos licenciados que enveredam pela profissão docente, e tomando ainda por base o trabalho atrás mencionado da Doutora Rosa Fernanda, vemos que os cursos onde se atribuem notas com médias mais altas correspondem precisamente àqueles cujos licenciados maiores dificuldades têm tradicionalmente de encontrar colocação profissional no ensino: HIS e FIL¹⁷. No caso de LLM e de GEO, com médias mais estreitas, verificou-se em tempos relativamente próximos um grau menor de dificuldade. Poderá dizer-se que nestes dois cursos (SOC e EEU ficam à margem deste factor, porque não formam professores) as dificuldades de entrada no estágio (e por consequência de profissionalização) ainda não terão produzido efeitos visíveis no comportamento classificativo? Será que um dia também aí os docentes começarão a «dar» notas genericamente mais altas, se se agudizar o problema das vagas para colocação dos licenciados com profissionalização? Pessoalmente espero que não! E permito-me acrescentar que não creio que estes comportamentos estejam muito dependentes dos modelos organizativos dos cursos e dos seus currículos, nem das suas reestruturações.

¹⁷ *Ibidem*, p. 45. Em 1988, 1989 e 1990 o Conselho Directivo havia já realizado inquéritos sobre esta problemática.

Em conclusão, atrevo-me a sustentar que as médias mais altas podem ocultar a influência de um factor psicológico: nas licenciaturas onde elas predominam tradicionalmente pode actuar alguma tendência em defesa dos alunos, sendo certo que, uma vez terminados os cursos, eles terão de concorrer num mercado de ensino muito mais saturado ¹⁸.

Outubro de 1998

Jorge A. Osório

¹⁸ Agradeço à Dr.^a Raquel Marina Magalhães a elaboração dos Quadros e Gráficos deste trabalho.

Q.1

QUADRO GERAL

Notas	HIS	%	FIL	%	LLM	%	GEO	%	SOC	%	EEU	%
Fal	1022	31,3	552	38,6	3584	28,9	556	20,2	616	40,7	116	28,8
Ins-Fal	2237		877		8799		2193		895		286	
REP	244	10,9	51	5,8	2026	23	350	15,9	102	11,3	52	18,1
10	229	10,2	108	12,3	1726	19,6	355	16,1	103	11,5	42	14,6
11	238	10,6	98	7,7	1301	14,7	339	15,4	98	10,9	46	16
12	366	16,3	136	15,5	1110	12,6	337	15,3	127	14,1	40	13,9
13	367	16,4	162	18,4	830	9,4	297	13,5	135	15	27	9,4
14	343	15,3	155	17,6	677	7,6	224	10,2	133	14,8	39	13,6
15	256	11,4	120	13,6	480	5,4	125	5,6	105	11,7	9	3,1
16	171	7,6	56	6,3	313	3,5	69	3,1	61	6,8	13	4,5
17	48	2,1	25	2,8	112	1,2	12	0,5	15	1,6	8	2,7
18	10	0,4	10	1,1	58	0,6	10	0,4	13	1,4	2	0,6
19	2	0,08	0	0	18	0,2	0	0	3	0,3	0	0
20	0	0	0	0	6	0,06	0	0	0	0	1	0,3
Ins	3259		1429		12383		2749		1511		402	

Q.2

MÉDIAS GERAIS

Curso	HIS	FIL	LLM	GEO	SOC	EEU	Média Geral
Média	13,24	13,09	12,43	12,84	13,34	12,65	12,93

Q.3

HISTÓRIA – GERAL

	1.º ano	%	2.º ano	%	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	533	41,5	240	33,1	180	26,2	69	12,2
Rep	100	13,31	59	12,16	65	12,84	20	4,04
Ins-Fal	751		485		506		495	
10	75	9,98	32	6,59	75	14,82	47	9,49
11	71	9,45	46	9,48	63	12,45	58	11,71
12	121	16,1	93	19,17	68	13,43	84	16,96
13	120	15,97	65	13,4	82	16,2	100	20,2
14	116	15,44	65	13,4	63	12,43	99	20,2
15	89	11,85	74	15,25	39	7,7	54	10,9
16	40	5,32	56	11,54	34	6,71	41	8,28
17	15	1,99	12	2,47	16	3,16	5	1,01
18	3	0,39	6	1,23	1	0,19	0	
19	0		2	0,41	0		0	
20	0		0		0		0	
Ins	1284		725		686		564	

Q.4 HIS – HISTÓRIA (HIS)

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	35	98	113	37
Rep	39	18	27	11
10	47	17	23	31
11	48	28	26	37
12	72	24	21	49
13	72	27	35	64
14	67	28	29	61
15	57	32	15	24
16	25	30	21	13
17	11	5	10	2
18	2	4	1	0
19	0	1	0	0
20	0	0	0	0
Ins	786	314	321	323

Q.5 HIS – Arqueologia

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	64	74	28	7
Rep	10	13	17	5
10	16	9	30	5
11	12	12	20	13
12	22	58	31	21
13	11	19	35	21
14	20	21	23	23
15	11	25	13	15
16	9	14	10	9
17	0	1	2	1
18	0	0	0	0
19	0	0	0	0
20	0	0	0	0
Ins	175	219	209	121

Q.6 HIS – Arte

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	124	68	39	28
Rep	51	28	21	4
10	12	6	22	10
11	11	6	17	9
12	27	11	16	17
13	37	19	12	25
14	29	16	11	17
15	21	17	11	15
16	6	12	3	19
17	4	6	4	2
18	1	2	0	0
19	0	1	0	0
20	0	0	0	0
Ins	323	192	156	120

Q.7

FILOSOFIA

	1.º ano	%	2.º ano	%	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	191	55,6	197	45,6	127	34,4	37	12,9
Rep	20	13,15	7	2,97	24	9,91	0	0
Ins-Fal	152		235		242		248	
10	11	7,23	21	8,93	38	15,7	38	15,32
11	18	11,84	30	12,76	24	9,91	26	10,48
12	28	18,42	36	15,31	23	9,5	49	19,75
13	22	14,47	33	14,04	49	20,24	58	23,38
14	22	14,47	36	15,31	48	19,83	49	19,75
15	21	13,81	32	13,61	41	16,94	26	10,48
16	9	5,92	25	10,63	12	4,95	10	4,03
17	1	0,65	12	5,1	4	1,65	8	3,22
18	0		3	1,27	0		2	0,8
19	0		0		0		0	
20	0		0		0		0	
Ins	343		432		369		285	

Q.8

LLM — GERAL

	1.º ano	%	2.º ano	%	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	1594	33,1	1097	32,4	518	22,1	475	19,5
Rep	899	27,96	590	25,87	357	19,62	190	9,26
Ins-Fal	3215		2280		1819		2051	
10	507	15,76	486	21,31	400	21,99	363	17,69
11	365	11,35	351	15,39	297	16,32	288	14,04
12	290	9,02	273	11,97	232	12,75	315	15,35
13	229	7,12	201	8,81	156	8,57	244	12,1
14	129	4,01	167	7,32	136	7,47	245	11,94
15	92	2,81	114	5	114	6,26	156	7,6
16	58	1,8	65	2,85	69	3,79	121	5,89
17	28	0,87	19	0,83	23	1,28	42	2,04
18	14	0,43	10	0,43	7	0,38	25	1,24
19	4	0,12	5	0,21	2	0,1	7	0,34
20	0		0		2	0,1	4	0,19
Ins	4809		3377		2337		2426	

Q.9 LLM – EFA

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	56	14	18	18
Rep	27	13	13	6
10	15	5	5	6
11	10	5	2	10
12	8	6	0	5
13	4	9	5	5
14	3	6	1	2
15	1	2	5	1
16	0	3	5	3
17	0	0	0	0
18	0	1	2	0
19	0	1	0	0
20	0	0	1	0
Ins	124	70	56	12

Q.10 LLM – EFI

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	197	68	49	27
Rep	99	87	42	16
10	36	35	51	34
11	37	39	36	36
12	25	28	28	44
13	22	25	19	37
14	10	22	20	26
15	7	13	17	19
16	7	11	9	6
17	2	6	4	3
18	1	0	0	6
19	0	0	0	0
20	0	0	0	0
Ins	442	333	287	259

Q.11 LLM – EIA

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	166	119	107	174
Rep	131	92	83	39
10	73	83	47	80
11	67	67	57	56
12	48	72	53	72
13	40	60	30	55
14	27	42	38	54
15	15	37	49	44
16	7	20	25	37
17	2	2	13	19
18	3	5	5	5
19	3	3	2	5
20	0	0	1	4
Ins	594	602	510	590

Q.12 LLM – EPA

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	117	91	34	26
Rep	133	36	13	21
10	48	27	11	12
11	29	11	6	10
12	21	8	7	11
13	11	2	1	5
14	9	5	1	6
15	6	4	1	3
16	2	1	0	2
17	2	1	0	1
18	0	0	0	0
19	0	0	0	1
20	0	0	0	0
Ins	378	186	74	98

Q.13 LLM – EPE

	1.º ano	2.º ano
Fal	79	22
Rep	44	6
10	14	4
11	8	8
12	8	11
13	4	9
14	2	8
15	0	3
16	3	3
17	0	1
18	0	0
19	0	0
20	0	0
Ins	163	75

Q.14 LLM – EPF

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	441	259	134	92
Rep	134	135	74	40
10	143	97	84	110
11	80	68	44	61
12	46	42	38	58
13	40	22	36	56
14	16	18	29	52
15	13	12	12	25
16	7	5	10	16
17	4	2	0	4
18	0	0	1	0
19	0	0	0	1
20	0	0	0	0
Ins	947	66	462	515

Q.15 LLM – EPI

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	226	334	109	73
Rep	243	140	72	28
10	100	137	112	59
11	77	97	94	59
12	80	69	71	61
13	72	49	38	51
14	30	41	36	67
15	26	21	24	50
16	99	15	12	46
17	11	3	5	10
18	3	2	0	14
19	1	1	0	0
20	0	0	0	0
Ins	930	909	593	518

Q.16 LLM – EPO

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	272	190	67	65
Rep	87	81	60	40
10	78	94	90	62
11	57	56	46	56
12	54	37	32	56
13	36	25	24	35
14	32	25	11	38
15	24	22	6	14
16	13	7	8	11
17	7	4	1	5
18	6	2	1	0
19	0	0	0	0
20	0	0	0	0
Ins	664	542	346	390

Q.17

GEOGRAFIA

	1.º ano	%	2.º ano	%	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	250	27,9	167	24,4	107	14,6	32	7,2
Rep	202	31,26	55	10,63	78	12,56	15	3,66
Ins-Fal	646		517		621		409	
10	182	28,17	78	15,08	67	10,78	28	6,84
11	121	18,73	82	15,86	85	13,68	51	12,46
12	71	10,99	95	18,37	105	16,9	60	14,66
13	43	6,65	99	19,14	93	14,97	62	15,15
14	15	2,32	63	12,18	70	11,27	76	18,58
15	6	0,92	33	6,38	28	4,5	58	14,18
16	5	0,77	10	1,93	9	1,44	45	11
17	2	0,3	1	0,19	0		9	2,2
18	0		1		0		9	2,2
19	0		0		0		0	
20	0		0		0		0	
Ins	896		684		728		441	

Q.18

SOCIOLOGIA

	1.º ano	%	2.º ano	%	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	245	51	186	40,07	125	40,7	60	22,4
Rep	48	20,4	14	5,16	25	13,73	15	7,24
Ins-Fal	235		271		182		207	
10	37	15,74	21	7,74	21	11,53	24	11,59
11	25	10,63	25	9,22	22	12,08	26	12,56
12	33	14,04	39	14,39	32	17,58	23	11,11
13	29	12,34	52	19,18	34	18,68	20	9,66
14	32	13,61	45	16,6	26	14,28	30	14,49
15	20	8,51	38	14,02	13	7,14	34	16,42
16	7	2,97	24	8,85	5	2,74	25	12,07
17	3	1,27	4	1,47	3	1,64	5	2,41
18	1	0,42	7	2,58	1	0,54	4	1,93
19	0		2	0,73	0		1	0,48
20	0		0		0		0	
Ins	480		457		307		267	

Q.19 ESTUDOS EUROPEUS

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Fal	91	29,5	25	25,7
Rep	40	18,43	12	16,66
Ins-Fal	217		72	
10	32	14,74	10	13,88
11	37	17,05	9	12,5
12	27	12,44	13	18,05
13	16	7,37	11	15,27
14	30	12,5	9	12,5
15	11	5,06	2	2,77
16	12	5,52	1	1,38
17	8	3,68	0	0
18	2	0,92	0	0
19	0	0	0	0
20	1	0,46	0	0
Ins	308		97	

**Q.20 RAMO EDUCACIONAL
– GERAL**

	3.º ano	%	4.º ano	%	5.º ano	%
Fal	132	18,8	222	14	13	1,3
Rep	143	25,2	74	5,3	11	1,1
Ins-Fal	567		1374		962	
10	132	23,2	228	16,5	16	1,6
11	76	13,4	173	12,5	54	5,6
12	82	14,4	220	16	145	15
13	62	10,9	194	14,1	176	18,2
14	41	7,2	220	16	231	24
15	26	4,5	117	8,5	164	17
16	5	0,8	94	6,8	126	13
17	0		28	2	15	1,5
18	0		17	1,2	17	1,7
19	0		0		7	0,7
20	0		0		0	
Ins	699		1576		975	

**Q.20A RAMO EDUCACIONAL
– HISTÓRIA (Geral)**

	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	37		4	
Rep	22		4	
Ins-Fal	133		133	
10	24	18,04	16	12,03
11	15	11,27	17	12,78
12	21	15,78	18	13,53
13	23	17,29	24	18,04
14	16	12,03	22	16,54
15	8	6,01	19	14,28
16	4	3	11	8,27
17	0		2	1,5
18	0		0	
19	0		0	
20	0		0	
Ins	170		137	

**Q.20B RAMO EDUCACIONAL
– FILOSOFIA**

	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	40		13	
Rep	13		0	
Ins-Fal	71		94	
10	10	14,08	23	24,46
11	9	12,67	10	10,63
12	10	14,08	16	17,02
13	12	16,9	17	18,08
14	5	7,04	26	27,65
15	11	15,49	11	11,7
16	4	5,63	11	11,7
17	0		3	3,19
18	0		2	2,12
19	0		0	
20	0		0	
Ins	111		107	

**Q.20C RAMO EDUCACIONAL
– LLM (Geral)**

	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	54		189	
Rep	92		61	
Ins-Fal	272		942	
10	74	27,2	178	18,89
11	37	13,6	125	13,26
12	34	12,5	152	16,13
13	17	6,25	119	12,63
14	13	4,77	137	14,54
15	5	1,83	69	7,32
16	0		63	6,68
17	0		18	1,91
18	0		13	1,38
19	0		0	
20	0		0	
Ins	326		1131	

**Q.20D RAMO EDUCACIONAL
– GEOGRAFIA**

	3.º ano	%	4.º ano	%
Fal	1		16	
Rep	16		9	
Ins-Fal	91		185	
10	24	26,37	11	5,94
11	15	16,48	21	11,35
12	17	18,68	34	18,37
13	10	10,98	34	18,37
14	7	7,69	35	18,91
15	2	2,19	18	9,72
16	0		16	8,64
17	0		5	2,7
18	0		2	1,08
19	0		0	
20	0		0	
Ins	92		201	

Q.20E

**QUADRO GERAL
TOTAIS /PERCENTAGENS
SEM RAMO EDUCACIONAL**

Notas	HIS	%	FIL	%	LLM	%	GEO	%	SOC	%	EEU	%
Fal	981	33,23	499	41,2	3341	30	539	21,9	616	40,7	116	28,8
Ins-Fal	1971		712		7585		1917		895		286	
REP	218	11	38	5,3	1873	24,6	325	16,9	102	11,3	52	18,1
10	189	9,5	75	10,5	1474	19,4	320	16,6	103	11,5	42	14,6
11	206	10,4	79	11	1139	15	303	15,8	98	10,9	46	16
12	327	16,5	110	15,4	924	12,1	286	14,9	127	14,1	40	13,9
13	320	16,2	133	18,6	694	9,1	253	13,1	135	15	27	9,4
14	305	15,4	124	18,6	527	6,9	182	9,4	133	14,8	39	13,6
15	229	11,6	98	13,7	406	5,3	105	5,4	105	11,7	9	3,1
16	156	7,9	51	7,1	250	3,2	53	2,7	61	6,8	13	4,5
17	46	2,3	22	3	94	1,2	7	0,3	15	1,6	8	2,7
18	10	0,5	8	1,1	45	0,5	8	0,4	13	1,4	2	0,6
19	2	0,1	0	0	18	0,2	0	0	3	0,3	0	0
20	0	0	0	0	6	0,07	0	0	0	0	1	0,3
Ins	2952		1211		10926		2456		1511		402	

Q.21 VOLUME DAS TURMAS POR DISCIPLINA

	< 10	10-40	40-80	80-120	120-160	160-200	200-250	250-300	300-400	< 400	> 500
LLM	21	28	7	5	8	5	6	4	3	6	3
HIS	2	10	17	6	5	2	4				
FIL			11	4	1						
GEO	3	8	3	8	6	2					
SOC	1	9	18	4							

Q.22 VOLUME DAS TURMAS POR DOCENTE

	< 10	10-40	40-80	80-120	120-180	180-300	300-500	>500
LLM	2	7	19	31	23	11	4	2
HIS		4	15	5	10	4	1	
FIL		1	10	4	1			
GEO	2	1	2	2	10	3	2	
SOC	1	2	6	3	3	1		

Q.23 CARGA HORÁRIA DOS DOCENTES

	Docentes	Horas	Rácio
LLM	100	839	8,39
HIS	40	214	5,35
FIL	17	104	6,11
GEO	22	183	8,31
SOC	17	90	5,29

Q.24 1996-1997

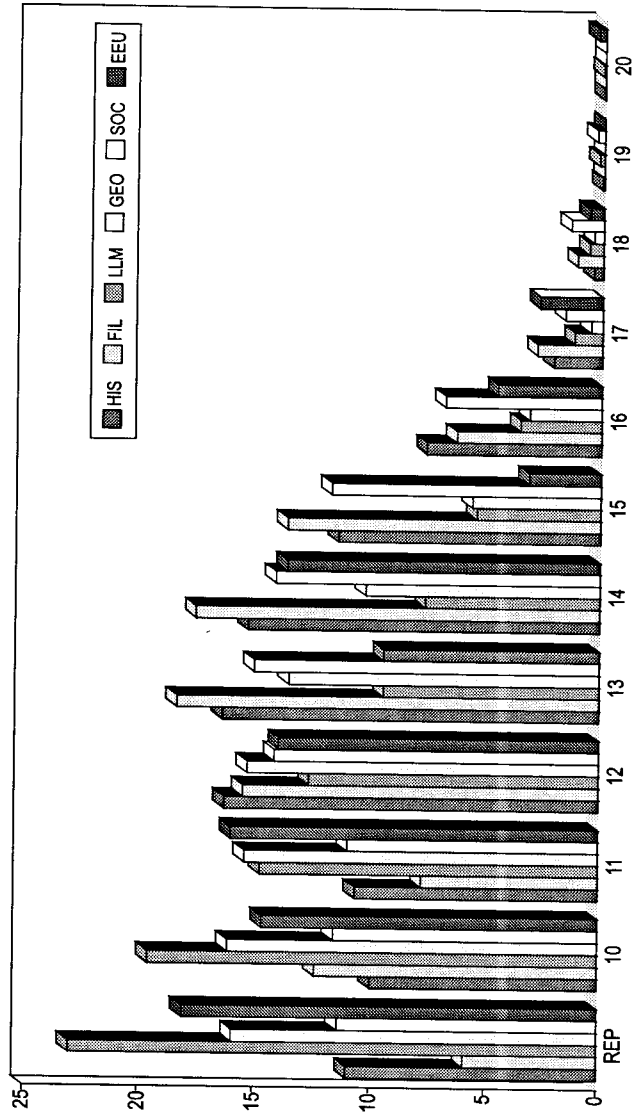
	HIS	FIL	LLM	GEO	SOC	EEU
N.º Disciplinas	43	17	96	31	32	7
Alunos/Curso	612	345	2397	504	293	49
Inscrições/Curso	2947	1263	10 627	2403	1605	297
Média Inscrições/Curso	68,53	74,29	110,69	77,51	50,15	42,42
Média Alunos/Curso	73,67	74,29	106,27	109,22	94,41	

Q.25 LEITURA DOMICILIÁRIA

(Universo de cartões de Leitores: 4836)

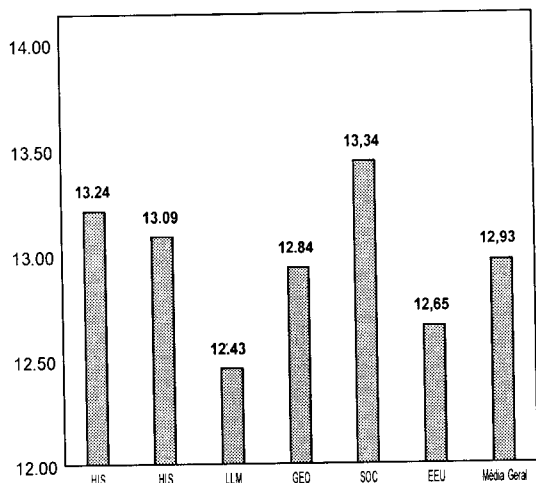
CURSOS	Percentagens Leituras/ /total Cartões Alunos: 3966	Registos de Leitura	Alunos insc./Curso	Rácio Insc./Leituras domiciliárias
LLM	58,66	2355	2397	1.02
HIS	16,26	646	612	0.94
FIL	6,8	270	345	1.27
GEO	10,06	388	504	1.26
SOC	7,96	316	293	0.92

G.1
QUADRO GERAL
(Porcentagens)



G.2

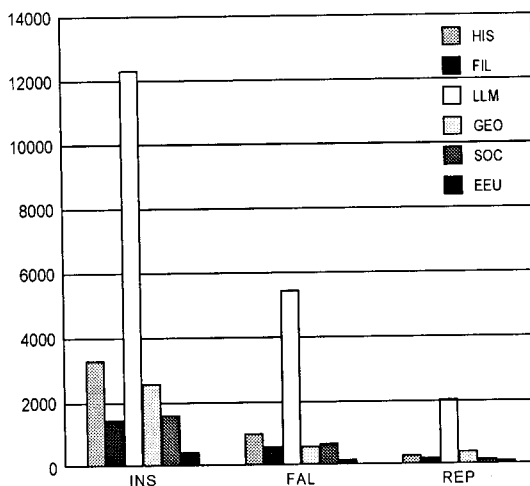
MÉDIAS



Curso	HIS	FIL	LLM	GEO	SOC	EEU	Média Geral
Média	13,24	13,09	12,43	12,84	13,34	12,65	12,93

G.3

INS + FAL + REP



	HIS	FIL	LLM	GEO	SOC	EEU
INS	3259	1429	12383	2749	1511	402
FAL	1022	552	3584	556	616	116
REP	244	51	2026	350	102	52

G.4 HISTÓRIA — TOTAL

Notas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	229	238	366	367	343	256	171	48	10	2	0

G.5 FILOSOFIA — TOTAL

Notas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	108	98	136	162	155	120	56	25	5	0	0

G.6 LLM — TOTAL

Notas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	1756	1301	1110	830	677	476	313	112	56	18	6

G.7 GEOGRAFIA — TOTAL

Notas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	355	339	331	297	224	125	69	12	10	0	0

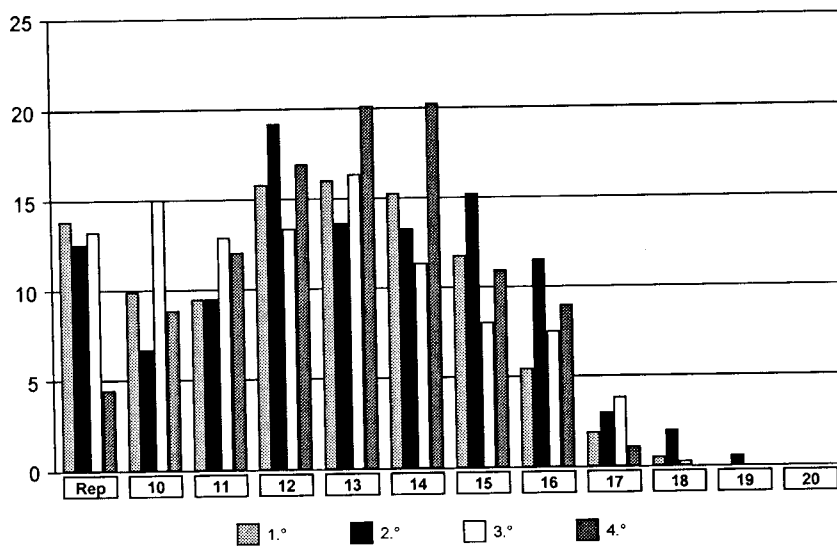
G.8 SOCIOLOGIA — TOTAL

Notas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	103	98	127	135	133	105	61	15	13	3	0

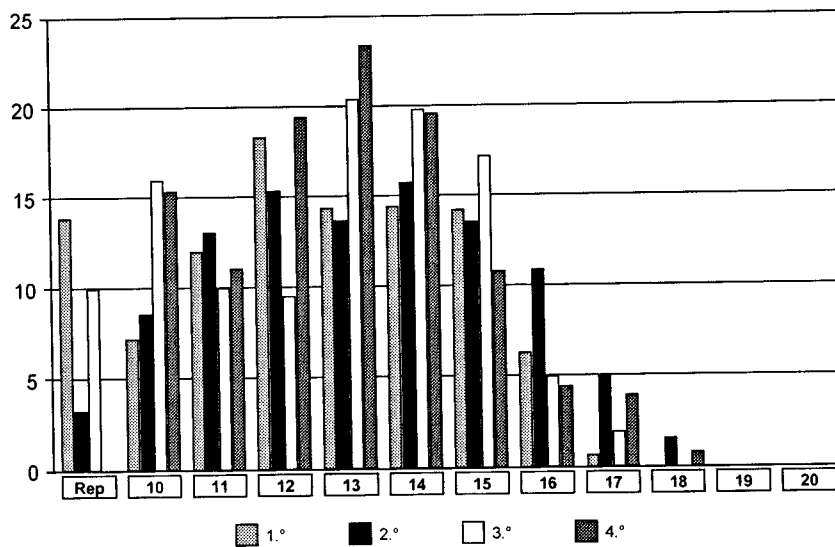
G.9 EEU — TOTAL

Notas	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	42	46	40	27	39	13	13	8	2	0	1

G.10 HISTÓRIA — GERAL/ANOS
(Percentagens)

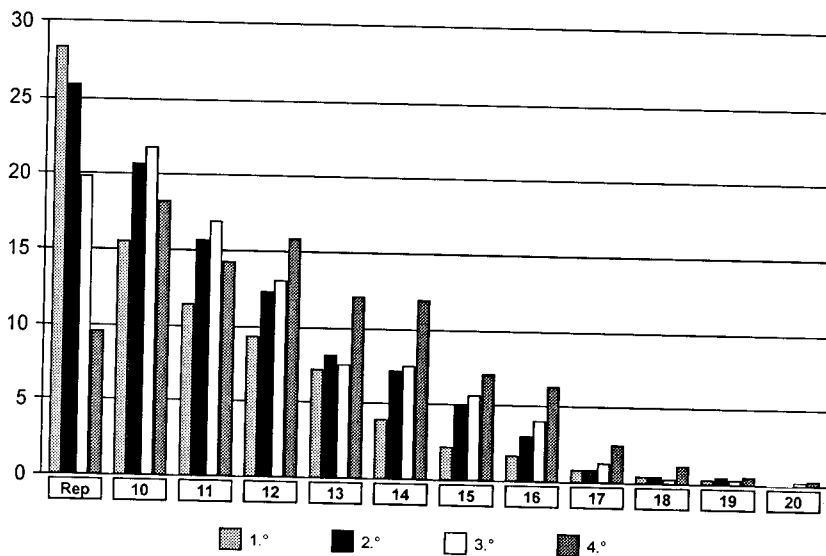


G.11 FILOSOFIA — GERAL/ANOS
(Percentagens)



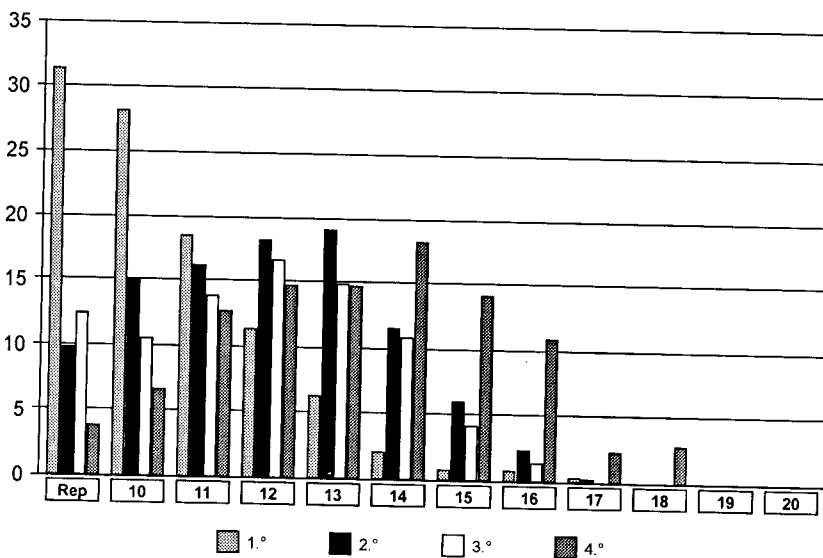
G.12

LLM — GERAL/ANOS
(Percentagens)

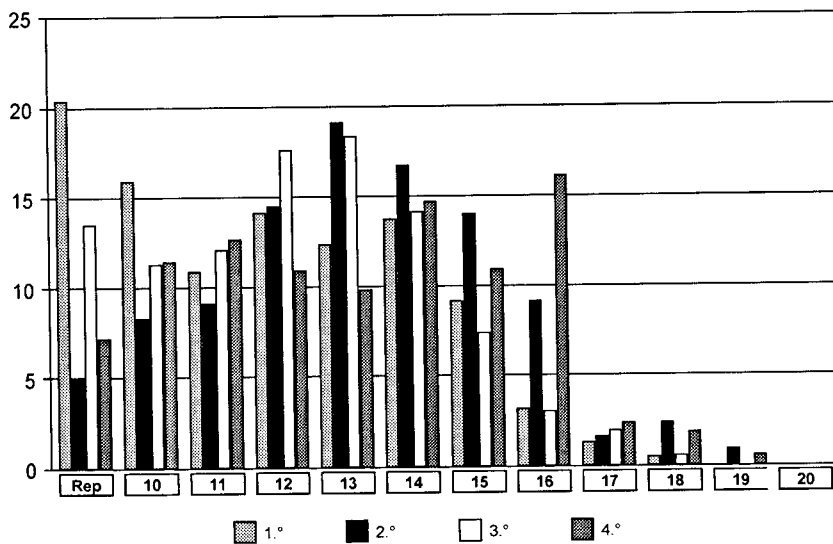


G.13

GEOGRAFIA — GERAL/ANOS
(Percentagens)



G.14 SOCIOLOGIA — GERAL/ANOS
(Percentagens)



G.15 EEU — GERAL/ANOS
(Percentagens)

